



Gêneros do discurso, dialogismo e hibridização

Discourse genres, dialogism and hybridism

Rodrigo Acosta Pereira¹
Patrícia Rodrigues da Silveira²
Ana Carolina de Souza Ostetto³

RESUMO: Sob um olhar (in)transdisciplinar, objetivamos neste artigo, a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011[1979]; 2014[1975]; 2013[1963]; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009[1929]; MEDVIÉDEV, 2012[1928]) discutir a relação entre *enunciado* e *hibridização*, visando construir inteligibilidades acerca dos gêneros híbridos, em especial, para este estudo, gêneros híbridos da esfera do jornalismo. Para tanto, seguimos uma rota teórico-epistemológica e metodológica a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin e selecionamos textos-enunciados do gênero *talk show*. Acreditamos que o estudo seja relevante, pois não apenas corrobora a importância de consociar diálogos entre a Linguística Aplicada e Análise de Discurso, ratificando a crescente permeabilidade entre as fronteiras disciplinares em busca da compreensão da vida social contemporânea (MOITA LOPES, 2006; 2013) como, em adição, contribui para sedimentar olhares plurais em torno dos gêneros do discurso no campo de análise bakhtiniana de discurso/de enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros do discurso; hibridização; dialogismo

ABSTRACT: Based on a(n) (in)transdisciplinary view, we aim at discussing the relationship between utterance and hybridism upon Bakhtin's Circle perspective (BAKHTIN, 2011[1979]; 2014[1975]; 2013[1963]; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009[1929]; MEDVIÉDEV, 2012[1928]), by objectiving to construct a comprehension concerning the hybrid genres, in special, to this present study, the hybrid genres from the journalism sphere. To do so, we follow an epistemological, theoretical and methodological way in accordance with Bakhtin's Circle studies and we selected utterances from the *talk show* discourse genre. We believe that the study is relevant, because it doesn't only confirm the importance to join dialogues between Applied Linguistics and Discourse Analysis, in terms of ratifying the permeability among the disciplinary boundaries in order to understand the social life (MOITA LOPES, 2006; 2013) but also it contributes to sediment plural views about discourse genres in bakhtinian analysis of discourse/utterance.

KEYWORDS: discourse genres; hybridism; dialogism

¹ Professor de Linguística Aplicada no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLg) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na UFSC.

² Graduanda em Letras. Bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq na UFSC.

³ Graduanda em Letras. Bolsista voluntária do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq na UFSC.



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo revisitar algumas das considerações teóricas do Círculo de Bakhtin acerca do conceito de hidridização, em especial, à luz da discussão sobre gêneros do discurso. Os gêneros do discurso têm sido objeto de estudo na Linguística Aplicada sob diferentes matrizes teórico-epistemológicas (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010), dentre eles a perspectiva dialógica concernente aos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas de seus interlocutores contemporâneos.

Sob o escopo do dialogismo, este artigo objetiva apresentar uma discussão teórico-analítica acerca da relação entre a constituição e o funcionamento dos gêneros do discurso e o conceito de hibridização. O referencial teórico utilizado na pesquisa em tela compreende em um diálogo entre os escritos do Círculo de Bakhtin e os estudos contemporâneos denominados de Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2013).

Para tanto, nosso artigo traz uma discussão dos aspectos teóricos que subsidiam as concepções de enunciado, gêneros discursivos, relações dialógicas e, por fim, retomamos as discussões do Círculo sobre a hibridização, trazendo dados da nossa pesquisa sobre textos-enunciados do gênero *talk show*.

2 O ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

Os pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin não se limitam apenas a um campo de estudo, haja vista que suas considerações em torno da *interação verbal* (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009 [1929]) perpassam diferentes campos científicos, como a Antropologia, a Psicologia e, dado o matiz desse estudo, a Linguística Aplicada. Posto que os diferentes construtos do Círculo projetam diversas explanações sobre a linguagem (MORSON; EMERSON, 2008), para melhor compreendermos essa concepção e, sobretudo, limitarmos nossa rota de discussão, iniciamos pelas postulações acerca do enunciado, concebido a partir de um ponto de vista histórico, cultural e social, que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos (BRAIT; MELO, 2013). Em outras palavras, entendemos que

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia comunicativa discursiva de um determinado campo. Os próprios limites são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são limites indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 296-297).

Para Bakhtin [Volochínov] (2009 [1929], p. 127, grifo do autor), “a verdadeira substância da língua não é constituída pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*”. Com isso, o enunciado, como a unidade real e concreta da comunicação discursiva, “é concebido como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente constituídos que, em uma dada situação de interlocução, interagem por meio da linguagem” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 27).

Ademais, compreendemos que as reflexões do Círculo, dentre elas os postulados sobre o enunciado, envolve a questão do sujeito, posto que este “releva e conserva a constituição histórica, social e cultural” (MARCHEZAN, 2014, p. 117). Para Bakhtin [Volochínov] (2009 [1929]),

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV] (2009 [1929], p. 86)

Além disso, o enunciado é constituído por três particularidades que o caracterizam: a primeira peculiaridade é (i) a alternância dos sujeitos do discurso, que “[...] cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação [...]”; a segunda é (ii) a conclusibilidade, que “é necessária para que se possa compreender o enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1975], p. 280), e, por sua vez, se satisfaz pela exauribilidade semântico-objetual do tema e enunciado, pelo projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, que resulta na escolha do gênero em que se efetivará o enunciado, o seu volume e as suas fronteiras e, por fim, pelas formas típicas composicionais do gênero, o elemento “mais importante para nós” (BAKHTIN, 2011 [1975], p. 282); e a terceira é (iii) a expressividade, que determina a composição e o estilo, a escolha dos meios linguísticos, e a relação valorativa do sujeito do discurso com o conteúdo do objeto e do sentido, que “[...] também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1975], p. 289).

Assim sendo, o enunciado integrado à situação de interação, perpassa por outros conceitos fundacionais que formam o pensamento do Círculo (MORSON; EMERSON, 2008) e, por isso, tornam-se importante ponto de partida para nossa presente discussão. Como todo

enunciado relativamente se estabiliza na forma de gêneros do discurso, passemos à discussão desse conceito à luz dos escritos do Círculo.

3 OS GÊNEROS DO DISCURSO COMO ENUNCIADOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS

De acordo com Bakhtin (2011[1979], p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essas esferas estão organizadas socialmente, estabilizam relativamente os enunciados (ACOSTA-PEREIRA, 2012), dando origem aos gêneros do discurso: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 279).

De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 268), essa relativa estabilidade dos gêneros depende do conteúdo temático, do estilo de linguagem e da construção composicional, pois os gêneros discursivos “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Com isso, podemos compreender que o acabamento dos gêneros está engendrado nas especificidades das esferas de interação, através da “[...] elasticidade estrutural, a sua autonomia e a sua originalidade linguística e estilística” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 124). Portanto, os gêneros variam diante das esferas de interação, sendo mutáveis, assim como nossa realidade é mutável, e dá espaço para o novo. É nessas esferas de interação que o gênero recebe seu acabamento, tanto que “cada esfera conhece e aplica os seus próprios gêneros” (RODRIGUES, 2001, p. 70).

Os gêneros medeiam os discursos socialmente estabilizados, dando o acabamento ao enunciado, assim, o conceito de gênero para o Círculo é imanente das relações sociais, perpassa por todos os diversos campos ligados pela linguagem e é concebido em um conceito plural com dimensões verbais e extraverbais. Para tanto, os gêneros do discurso são uma forma enunciativa que está vinculada mais ao contexto comunicativo e cultural do que da palavra propriamente dita (MACHADO, 2013), ou seja, “não são criados pelos falantes, mas lhes são dados historicamente”, o seu uso está relacionado às esferas das atividades humanas com finalidades discursivas específicas (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 35).

Cada esfera da atividade humana produz seus respectivos gêneros discursivos. Conforme Bakhtin (2011 [1979], p. 285), “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, [...] refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação”. Com isso, o nosso projeto de discurso se realiza sempre na forma de um gênero do discurso.

Para o Círculo, os gêneros discursivos refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Portanto, não há modo de dissociar gêneros do discurso da vida real. Segundo Medviédev (2012 [1928], p. 198), “cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade”. Sendo assim, é através dos enunciados concretos (gêneros) que a vida entra na língua, a compreensão da realidade não se dá por palavras ou frases isoladas, mas sim, por meio de enunciados. Em outras palavras,

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. [...] Desse modo, uma obra entra vida está e está em contato com diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Ela ocupa certo lugar, que é concedido pela vida [...]. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195).

Assim como há múltiplas elaborações e reelaborações das atividades humanas, os gêneros discursivos se incorporam nessas relações múltiplas, nos mais variados contextos: “o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva da realidade, [...]. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 200). Logo, a partir dessa realidade, os gêneros compõem e concebem em outros contextos discursivos novos gêneros, introduzindo novas linguagens. Com o surgimento dessas novas formas de atividade discursiva, emergem novos gêneros. Portanto, novas formas de interação engendram-se na materialidade de novos gêneros que, em relação dialógica com gêneros outros, consubstanciam dada situação interativa. Dado que muitos gêneros que surgem nas práticas discursivas correntes caracterizam-se como híbridos, direcionamo-nos para nossa próxima seção cujo propósito é compreender como a hibridização se discursiva nos gêneros.

4 AS RELAÇÕES DIALÓGICAS COMO CONSTRUTOS SEMÂNTICO-VALORATIVOS QUE ENGENDRAM A CONSTRUÇÃO HÍBRIDA

O caráter dialógico é característica basilar da concepção de linguagem como interação verbal, e é fundamental para compreensão de enunciado (MORSON; EMERSON, 2008). Para Bakhtin (2014 [1975], p. 89), “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica”. Segundo Brait (2014), o dialogismo é conceito-chave

que mobiliza o pensamento do Círculo. As relações dialógicas ocorrem no campo da vida da linguagem, e não como objeto específico da linguística imanente, pois o Círculo considera “[...] a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 207).

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca a resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo o diálogo vivo. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 89, grifo do autor).

Sendo assim, Bakhtin (2013 [1963], p. 209, grifo do autor) esclarece que as relações dialógicas “[...] não podem ser separadas do campo do discurso [...]. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem”. Acosta-Pereira (2012, p. 51), a esse respeito, explica que “as relações dialógicas são relações de sentido entre enunciados”, que deve ser considerado como uma resposta aos enunciados precedentes, pois “é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado a uma esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 297). Bakhtin (2011 [1979], p. 300) reitera que “o enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. Com isso,

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 86).

Para o Círculo, as relações dialógicas constituem-se como a confluência dos sentidos e dos sistemas de valores (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão. Desse modo, nosso discurso é permeado pelas palavras dos outros, que “trazem o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 285).

O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce; aqui a existência e a evolução se fun

dem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade c ontraditória e de linguagens diversas. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 161).

Sob essa perspectiva, podemos compreender que as relações dialógicas caracterizam-se como construtos semântico-valorativos que engendram a construção híbrida, posto que a confluência entre as fronteiras genéricas (de gêneros) consubstancia-se a partir de relações dialógicas. Em síntese, são as relações dialógicas as responsáveis pelo imbricamento entre gêneros na construção híbrida.

5 A HIBRIDIZAÇÃO COMO O *ENTRELUGAR* DISCURSIVO

A versatilidade, flexibilidade e identidade plástica são características do gênero. Para Bakhtin (2014 [1975]), o discurso é um fenômeno social em todas as esferas da vida e em suas múltiplas manifestações, ou seja, “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social em todas as esferas de sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 71).

Nas diversas e plurissignificativas situações de interação, podemos observar, de forma recorrente, a mescla de gêneros ou *hibridização de gêneros*. Com esse processo, os gêneros fortalecem/promovem o entrelugar de discursos, de forma reacentuada, isto é, gêneros que se constituem a partir de outros gêneros de forma que suas projeções estilístico-composicionais se imbricam. Na construção híbrida, os discursos se inter-relacionam de modo a constituir um sentido único, singular e reacentuado. Em outras palavras, as construções híbridas consubstancia m-se a partir do entrecruzamento de discursos e, dado que todo discurso carrega consigo um tom, esse tom se ressignifica à luz do matiz da construção híbrida. Nesse sentido,

Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Repetimos que entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática: a divisão das vozes e das linguagens ocorre nos limites de um único conjunto sintático, frequentemente também, um mesmo discurso pertence simultaneamente às duas línguas, às duas perspectivas que se cruzam numa construção híbrida, e, por conseguinte, têm dois sentidos divergentes, dois tons. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 110, grifos do autor).

Para Bakhtin (2014 [1975]), a hibridização, na confluência de acentos, promove a diluição de fronteiras, realizando um enquadramento e estratificação, por meio do contexto, do jog

o múltiplo dos discursos com entrelaçamento e contágio recíproco, resultando em um *entrelugar* discursivo.

Nessa perspectiva, segundo Bakhtin, (2014 [1975], p. 156), no processo enunciativo-discursivo pode ocorrer uma hibridização involuntária, sendo considerada “uma das modalidades mais importantes da existência histórica e das transformações das linguagens”, pois “a linguagem e as línguas se transformam historicamente por meio da hibridização, da mistura das diversas linguagens que coexistem”. Bakhtin (2014 [1975], p. 113) explica que a construção híbrida possui mais de um tom, e/ou mais de um estilo na pluralidade de mundos concretos e “perspectivas literárias, ideológicas e sociais”. O autor ainda nos chama a atenção para as variantes da construção híbrida: (i) a pseudo-objetiva, como uma construção mais rígida, preso ao discurso do autor; (ii) a análoga, no qual se confunde o discurso do autor com a fala de outrem, nesse caso as “fronteiras são intencionalmente frágeis e ambíguas” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 113); (iii) a típica, onde temos uma construção duplamente acentuada, com apagamento de fronteiras entre o discurso do autor e de outrem.

Dadas as explicações, podemos compreender, assim, que os gêneros híbridos se constituem e funcionam pelo *entrelugar* de gêneros discursivos outros, constituídos a partir de relações dialógicas. Em outras palavras, os gêneros híbridos são constituídos nas práticas sociais, nas produções de novas condições sociais particulares, situações históricas socialmente situadas, refletindo de forma mais clara e flexível os discursos ideológicos, totalmente livres, plásticos e móveis. Sendo assim, os gêneros do discurso híbridos caracterizam-se, por conseguinte, como enunciados relativamente estáveis que se engendram/se constituem na confluência dialógico-valorativa de projeções enunciativo-discursivas pluriestilísticas, já que na construção híbrida, os discursos se inter-relacionam de modo a constituir um sentido único, singular e reacentuado.

Dito de outra forma, as construções híbridas consubstanciam-se a partir do entrecruzamento de discursos e, dado que todo discurso carrega consigo um tom valorativo, esse tom se ressignifica no entrelugar/nas fronteiras dos gêneros discursivos. Para que possamos, em termos analíticos compreender a questão dos gêneros híbridos, direcionemos nossa discussão para o dispositivo teórico-metodológico do Círculo e para a análise de nossos dados – textos-enunciados exemplares do gênero *talk show*.

6 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) pontuam repetidamente que a comunicação verbal não pode ser compreendida desvinculada da interação. Para os autores, “a comunicação

verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009[1929], p. 128). É sob a matriz dessa afirmativa que os autores postulam as diretrizes metodológicas para o estudo da língua:

- 1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009 [1929], p. 128).

Como podemos visualizar, as etapas acima orientam o pesquisador para a análise da língua sob a ordem do social para o linguístico, isto é, o analista inicia das formas e dos tipos de interação para o exame das formas da língua, ratificando o pressuposto de que a comunicação verbal só pode ser explicada a partir do vínculo com a situação concreta de interação. Além disso, as diretrizes metodológicas delineadas acima nos conduzem a olhar para outros conceitos que ascendem nos escritos dos autores: enunciado e gênero do discurso. Dado que é comum ao estudo da língua sob o viés sociológico do Círculo a recorrência aos diversos conceitos outros que ascendem nesse quadro teórico, neste momento, haja vista nosso objetivo, circunscrevemos nossa discussão em torno dos dois conceitos previamente mencionados.

Assim, podemos compreender que, na perspectiva sociológica, a unidade de análise é o enunciado, e não língua como representação psíquica ou como sistema convencional e arbitrário, na forma de palavras ou orações isoladas. Em adição à presente discussão sobre as etapas metodológicas de análise da língua sob a ordem sociológica, Rojo (2005) assim esclarece:

[...] a ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/enunciado/ língua – composição e

estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199).

Em consonância com a discussão de Rojo (2005), Brait (2006) explica que a metodologia proposta por Bakhtin para o estudo da linguagem, embora se apresente como uma abordagem diferenciada, não exclui a Linguística, pelo contrário, Bakhtin (2013 [1963]) entende que devem completar-se, mas não se fundir. Dessa forma, como ratifica a autora, metodologicamente estaremos, em termos bakhtinianos, ultrapassando a materialidade linguística, procurando desvendar a articulação constitutiva que há entre o interno e o externo na linguagem. “O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído” (BRAIT, 2006, p. 13).

Além disso, cabe ressaltar que, no caminho metodológico bakhtiniano, não há categorias de análise a priori aplicáveis de forma sistemática a textos, discursos e gêneros, com a finalidade de entender uso situado da língua. Nos escritos do Círculo há, na verdade, uma arquitetônica das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados. De fato, cabe ao pesquisador desbravar esse caminho, construindo, por conseguinte, uma postura dialógica diante de seu objeto discursivo (BRAIT, 2006). “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]” (BRAIT, 2006, p. 29). Sob essa orientação, Brait (2006) assim esclarece:

Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber o “enfrentamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2006, p. 13-14, grifo da autora).

Em outro momento, a autora reitera:

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um corpus imobilizado pelas lupas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do corpus, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida. (BRAIT, 2007, p. 28).

Como podemos ver, Brait (2006, 2007) ratifica o pressuposto da inexistência de categorias pré-estabelecidas para a análise da língua-enunciado sob a ordem sociológica do Círculo. Rojo (2005), Rodrigues (2001) e Acosta-Pereira (2012) compartilham da mesma

consideração, reiterando o postulado de que é nas “idas e vindas” aos dados que as regularidades ascendem e não na aplicação de modelos de análise pré-estabelecidos, imobilizando a potencialidade discursiva dos dados. Podemos compreender que, à luz dos escritos do Círculo, não há a possibilidade mecânica de operacionalizar conceitos pré-estabelecidos (modelos de análise), mas um movimento dialógico com os dados:

[...] um *continuum* cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, e participa de uma dinâmica permanente que interroga o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas afeitas. (BRAIT, 2007, p. 30-31).

Dados os pressupostos teórico-metodológicos de análise de gêneros à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin, apresentamos os dados da nossa pesquisa, que são textos-enunciados do gênero *talk show*. Para tanto, segue o quadro com especificações:

Tabela 1 – Universo dos dados: *talk shows*

Talk shows	Canal TV	Apresentador	Informações
Agora é Tarde	Band	Rafinha Bastos	http://entretenimento.band.uol.com.br/agoraetarde
The Noite	SBT	Danilo Gentili	http://www.sbt.com.br/thenoite/
Programa do Jô	Globo	Jô Soares	http://gshow.globo.com/programas/programa-do-jo/

Fonte: Autores.

Especificados o universo dos dados da pesquisa, direcionamo-nos à análise. Compreendemos por *gêneros híbridos* textos-enunciados relativamente estáveis que se constituem e funcionam pelo imbricamento entre espaços e territórios, isto é, por meio de relações dialógicas (BAKHTIN, 2013[1963]) entre projeções temático-estilístico-composicionais de gêneros (BAKHTIN, 2011[1979]) pertencentes a diferentes esferas sociodiscursivas. Em suma, os gêneros híbridos são caracterizados pelo (i) *imbricamento de gêneros* (territórios) de diferentes esferas (espaços), por meio de relações dialógicas engendradas pela (ii) *intercronotopicidade* (BAKHTIN, 2014[1975]), discursivizados a partir da (iii) *reenuniação e reacentuação* de enunciados outros (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009[1929]; BAKHTIN 2013[1963]) e do (iv) *enquadramento de gêneros intercalados*⁴ (BAKHTIN, 2014[1975], p. 124-125). A partir disso, como compreender o gênero *carta de talk show*?

⁴ Compreendemos, à luz dos escritos do Círculo, gêneros intercalados como *tipos* “ [...] de combinação de linguagens e de estilos que formam um unidade superior.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 75). Não trataremos extensivamente do conceito dado o “recorte” da discussão. Sugerimos a leitura de Bakhtin (2014 [1975]).

Consideramos o *talk show* como *gênero híbrido*, porque se constitui a partir das relações entre as feições temático-estilístico-composicionais de gêneros outros, pois “recebemos, desse modo, um sistema complexo de inter-relações e de interações. Cada elemento desse sistema é determinado por algumas peculiaridades [feições genéricas], que são mutuamente permeáveis” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 72). Isto é, na inter-relação constitutiva entre gêneros, há, por conseguinte, a confluência de feições relativas ao tema, ao estilo e à composição, que, em relação dialógica, se entrecruzam na discursividade híbrida do gênero. Portanto, nos *talk shows* que pesquisamos, percebemos que os enunciados são construídos de acordo com a suas esferas de interação e com os seus objetivos de comunicação, ou seja, são determinados “pelo conjunto das condições histórico-sociais e pela situação concreta desse enunciado individual” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 184).

Para Bakhtin (2014[1975]), é no cronotopo que se envolvem as relações temporais e espaciais, e que o gênero e as variedades de gênero são determinados justamente por ele. Dessa forma, a *intercronotopicidade* é importante para definir o gênero *talk show* como gênero híbrido, pois

[...] Nós [podemos] falar de cronotopos grandes, fundamentais, que englobam tudo. Porém, cada um destes cronotopos pode incluir em si uma quantidade ilimitada de pequenos cronotopos, pois cada tema possui seu próprio cronotopo. [...] Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. O seu caráter geral é dialógico. (BAKHTIN, 2014[1975], p. 357).

Figura 1 – Relações entre espaços e territórios no gênero *talk show Agora é tarde* (BAND TV)



Fonte: Autores.

A hibridização do gênero *talk show* (Imagem 1) à luz das características enunciativo-discursivas supracitadas, se dá a partir do imbricamento entre espaços e territórios enunciativos por meio de relações dialógico-valorativas entre feições temático-estilístico-composicionais de gêneros do discurso de diferentes esferas sociodiscursivas consubstanciadas pela intercronotopicidade através de processos de reenuniação, reacentuação e intercalação de enunciados outros. Em outras palavras, nos gêneros híbridos há (i) na *projeção arquitetônica*: confluência entre espaços enunciativo-discursivos (esferas); (b) confluência entre territorialidades genéricas (de gêneros); (c) confluência entre cronotopos (intercronotopicidade); (ii) na *projeção estilístico-composicional*: (a) confluência entre enunciados reacentuados (revalorados); (b) intercalação de gêneros outros. O quadro a seguir sintetiza nossa análise:

Tabela 02 – Síntese da análise dos dados

Arquitetônica	Confluência entre esferas	Esfera do jornalismo Esfera do entretenimento
	Confluência entre gêneros	Editorial, stand up comedy, entrevista e show musical
	Confluência entre cronotopos	Pequeno cronotopo do gênero <i>editorial</i> Pequeno cronotopo do gênero <i>stand up comedy</i> Pequeno cronotopo do gênero <i>entrevista</i> Pequeno cronotopo do gênero <i>show musical</i>
Composicionalidade	Confluência entre enunciados reacentuados	As diferentes vozes dos sujeitos que se engajam na interlocução mediada pelo gênero <i>talk show</i>
	Intercalação de gêneros	Imbricamento enunciativo-discursivos de gêneros outros no gênero <i>talk show</i>

Fonte: Autores.

Primeiramente, cabe ressaltarmos que por *arquitetônica*, compreendemos, à luz dos escritos do Círculo, o plano de sentido concreto do gênero, isto é, o plano enunciativo-discursivo do gênero, resultado das inter-relações dialógico-valorativas. Não é a forma externa ou meramente abstrata/superestrutural, mas a ancoragem sociointeracional na qual o gênero se constitui e funciona. Em outras palavras, a arquitetônica corresponde à integração entre o material, a forma e o conteúdo. Por outro lado, compreendemos a *composicionalidade* como a disposição, a orquestração ou o relativo acabamento do todo do gênero; isto é, a organização material do gênero e a mobilização dos participantes da interação que se engajam

na situação interativa mediada por este. Ao final, cabe também ratificar que toda forma arquitetônica determina a escolha composicional. Assim, ao estudarmos os gêneros híbridos, tornou-se relevante investigá-los a partir das duas dimensões e suas relações, a arquitetônica e a composicionalidade.

Segundamente, em termos de análise, como a tabela 02 ilustra, na arquitetônica do gênero híbrido *talk show* imbricam-se, consubstanciados pela discursividade das relações dialógicas, diferentes esferas, gêneros e, por conseguintes, cronotopos. Como cada gênero do discurso se constitui e funciona em uma esfera da atividade humana específica atravessada pelas amplitudes espaço-temporais da cronotopia, a arquitetônica do gênero híbrido, no caso deste estudo, o gênero *talk show*, se engendra nessa relação dinâmica de pluridiversificados centros de valores. Além disso, como já dito, toda forma arquitetônica determina uma escolha composicional, no gênero *talk show* a forma composicional se constitui a partir da confluência entre marcas de estilo e de composicionalidade dos gêneros que se imbricam/atravessam na dimensão da arquitetônica, além do enquadramento de discursos que, ao serem reenunciados e reacentuados, corroboram a assunção deste gênero – o *talk show* - como um enunciado tipicamente híbrido. De outra forma, podemos compartilhar com o Círculo,

[...] a percepção de que nenhuma linguagem é suficiente por si só. E essa consciência linguística implica, por sua vez, uma percepção da não-finalizabilidade da verdade, que requer vozes e linguagens múltiplas em atos de exploração potencialmente infinitos. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 345).

Com isso, podemos compreender que a fluidez e a vulnerabilidade entre espaços (esferas) e territórios (gêneros) é natural e essencialmente engendrado por relações dialógicas. As fronteiras são dissolúveis e dialógicas. A dinamicidade e plasticidade dos enunciados e o elo com os já-ditos ratificam a hibridização como uma instância constitutiva dos diversos gêneros do discurso, dentre os vários, o gênero *talk show*⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, que foi amparado na compreensão teórico-epistemológica do Círculo de Bakhtin, buscou-se compreender quais as *marcas* que balizam os gêneros do

⁵ Neste artigo não tratamos de forma extensiva sobre as relações dialógicas que se estabelecem entre os enunciados (quais são esses enunciados e como se constituem e funcionam) e as esferas discursivas especificadas que os orientam, em função do “recorte” da discussão. Sobre essas questões, sugerimos a leitura de Rodrigues (2001) e Acosta-Pereira (2012).

discurso híbridos. Dessa maneira, a partir de pesquisas atuais desenvolvidas em Análise Dialógica do Discurso, compreendemos que as regularidades enunciativo-discursivas que relativamente estabilizam os gêneros híbridos funcionam sob as instâncias da arquitetura e da composicionalidade. No âmbito da arquitetura, discursivizam-se a confluência entre espaços enunciativo-discursivos (esferas), entre territorialidades genéricas (de gêneros); cronotopos (intercronotopidade); no âmbito projeção estilístico-composicional, por sua vez, se dá a confluência de enunciados reacentuados (revalorados) e a intercalação de gêneros outros. Como pontua Bakhtin,

O que vem a ser hibridização? É a mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado [...]. É um amálgama de duas linguagens no interior de um mesmo enunciado. [...]. Num [gênero] híbrido trata-se não apenas (e não tanto) da mistura de formas e de indícios de duas linguagens [...], mas principalmente do choque no interior dessas formas, dos pontos de vista sobre o mundo. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 156-158, grifos do autor).

Além disso, sabemos que todo o enunciado está vinculado a um enunciado anterior, relação estabelecida que torna a linguagem humana como essencialmente dialógica, ratificando a aceção do gênero do discurso como essencialmente dialogizado.

Ao final, compreendemos que, para o entendimento do conceito de gêneros híbridos, requer entendimento dos demais conceitos discutidos pelo Círculo de Bakhtin, por isso, foi percorrido o caminho sob as teorias de enunciado, gênero, esfera e relações dialógicas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

ACOSTA-PEREIRA, R; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da análise dialógica de discurso de Círculo de Bakhtin. *Letras*, Santa Maria, RS, v. 20, n. 40, p. 147-162, jan./jun. 2010.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [1963].



BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornini Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R. (Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 3. ed. São Carlos, SP.: Claraluz, 2007. p. 19-32.

_____. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-77.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-31.

BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-77.

MACHADO, I. Gêneros do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 151-166.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 114-131.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literário: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonietta Celani*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. 347 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

Data de recebimento: 23/06/2015

Data de aprovação: 22/08/2016